

Triangulogia

Pode um triângulo, um mísero plano fechado por três linhas, mudar a sociedade? Não, acho que não. Mas... e se for um triângulo vermelho? Ou azul? Não, não creio que isso altere muito as coisas. Nem dez triângulos azuis? Não, não mudaria nada. Que tal vinte triângulos, metade azul, metade vermelho? Bobagem, isso é como a poesia concreta, uma bobagem. Nada se alteraria na ordem das coisas.

No entanto, eu acho que cem triângulos vermelhos, ao lado de outra centena de triângulos, estes azuis, seriam capazes de produzir um certo efeito social: o que é que você acha? Não, não creio que seja uma simples questão de quantidade. A questão social é muito mais complexa do que uma soma de triângulos, coloridos ou não.

Mas o senhor não acha que as coisas seriam diferentes com, digamos, um milhão de triângulos vermelhos? E se juntássemos a eles um bilhão de triângulos azuis? Ainda mais: um trilhão de triângulos verdes? Não acha o senhor que alguma coisa se alteraria no estado de coisas deste país? Bem... de fato... com efeito... sou obrigado a reconhecer que um quaquilhão de triângulos vermelhos, azuis, amarelos e verdes, espalhados pelo Brasil, algum efeito social haveriam de surtir.

Alterando a vida

Pois era nisso que acreditavam os artistas concretos, nos anos 50, no Brasil. Você gosta de nomes? Não? Pois engula estes triângulos: Waldemar Cordeiro, Hermelindo Fiaminghi, Ivan Serpa, Luiz Sacilotto, Lotar Charoux, Décio Vieira, Hélio Oiticica, Lígia Pape, Lígia Clark, Geraldo de Barros, Maurício Nogueira Lima, Judith Lauand, Leopoldo Haar, Alexandre Wollner, Casimiro Féjer (o primeiro a fazer esculturas em acrílico na "Terra dos Papagaios"), Valentino, Alfredo Volpi, Wladislav, Amílcar de Castro, Aluisio Carvão, Weissmann.

Outros haverá, que a memória não tecla—mas sem esquecer. Você duvida que eles tenham contribuído para a alteração de sua vida, meu barato leitor? Mas, que sabe você dos fatores profundos que alteram sua vida? Você não aceita que um trilhão de triângulos amarelos modifiquem a

sua vida? Ah, você não gosta de nomes? Pois engula mais alguns: Sarney, Sayad, Funaro, Brossard, Maciel, Tonico Magalhães.

Eles descarregam um pacote na tua cabeça e você, idiota do consumismo, sai correndo para o supermercado, para comprar cem quilos de açúcar. Ai, eles descarregam um antipacote—mas sempre na tua cabeça—e você sai correndo a depredar lojas e bancos. Se você obedece a esses loucos, evadidos de um manicômio machadiano (você já leu "O Alienista", de Machado de Assis, inspirado num conto de Edgar Poe?), porque não haveria de acreditar que outros loucos, inocentes, aspirassem ao aperfeiçoamento social através de um milhão de triângulos verdes?

Era de golpes

E onde estão os economistas que falavam economês, e os comentaristas políticos que falavam politiquês, que apoiavam o Plano Cruzado—sem esquecer os "golden boys" da teoria e da prática? Pois se até o Millôr Fernandes entrou nessa!... Que loucura! Um presidente, educado em era de golpes, acaba por dar-se golpes, vítima de sua própria educação.

Porque não um quaquilhão de triângulos vermelhos para inaugurar um Brasil novo, que não seja este, onde Tomé de Souza se sentiria à vontade? Pois era nisto que os artistas concretos acreditavam: um milhão de triângulos azuis podem mudar o destino do Brasil—para melhor. De preferência, vermelhos. Iguais ao da bandeira mineira incondidente: o Millôr Fernandes ainda não conseguiu sair dessa.

Latim à parte, o grande Gonzaga sabia, há dois séculos atrás, que a liberdade já vinha tarde. Não tendo vindo naquela hora, o melhor era ir embora para a África, embora sem Marília: "Tu não verás, Marília, cem cativos..."

Os artistas concretos dos anos 50 fizeram mais pela liberdade do Brasil do que todos os nossos governantes juntos da era atual. Sem mulatas. Sem jagunços. Sem migrantes nordestinos esqueléticos. Sem palmeiras. Apenas com triângulos. Um milhão de triângulos. Vermelhos. Pretos. Brancos. Verdes. Amarelos. Azuis. Bandeira da arte.

Invenção e técnica

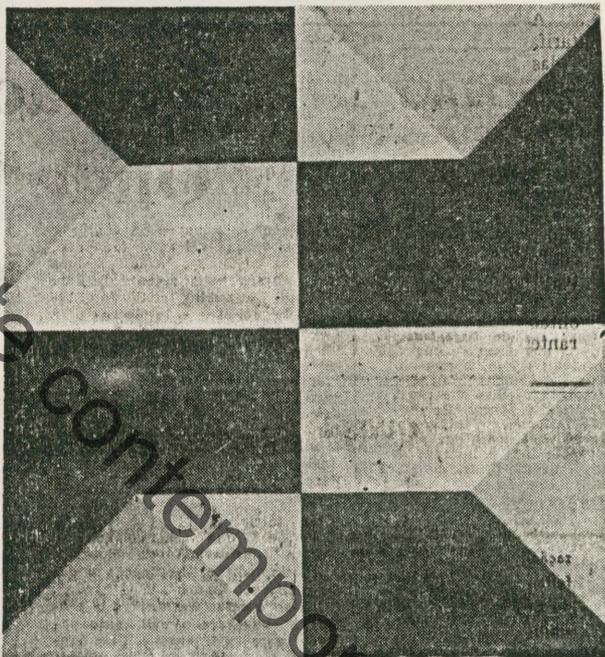
O público da mostra de Sacilotto, na Galeria Choise, poderá perguntar-se se um quadro feito de quadradinhos e risquinhos, uns ao lado dos outros, seria uma obra de arte; pois a maioria dos apreciadores e colecionadores de arte prefere ver — e comprar — obras figurativas, como dizem.

Permito-me uma aulinha ligeira (lembrei-me da letra daquele rock "Ligeiramente Grávida") começando por dizer que é oportuno eliminar essa coisa de figurativo ou não figurativo. Vendo as obras de Sacilotto, fica claro que tudo é figurativo e que não existe o não figurativo.

Se acabar com a confusão mental que o faz tentar separar uma coisa da outra, o público perceberá que na mostra de Sacilotto há quadros figurativos, pois o que se vê ali são figuras, só que geométricas. O espectador não vê representações da realidade aparente, composta de paisagens, objetos, pessoas. Os quadros de Sacilotto são obras visuais; para existir, precisam dos olhos do público.

Todos os quadros, sejam autor retratos, paisagens ou figuras geométricas, só podem ser apreciados pelo sentido da visão. Tudo é figurativo. A diferença entre as obras de arte visuais é que umas representam a realidade aparente — búles, flores, casarios — que pensamos ver, seguindo nosso metabolismo e nossa referência cultural. Outras, como as desta exposição da Choise representam a invenção dos jogos visuais das pessoas que desenvolvem sua capacidade ótica.

O excelente artesão Sacilotto, um dos pioneiros da arte concreta, no Brasil, vem trabalhando, há tempos, com



Construção, tempera vinílica, de Sacilotto

formas geométricas, delas extraindo um amplo espectro de construções figurativas que não prescindem do olhar do espectador, o qual se torna portanto parte complementar da obra de arte. Para simplificar, chamamos esse trabalho de "optical art".

A composição das figuras geométricas e suas cores determinam inúmeras variações óticas. Esta mostra de Sacilotto foi programada e planejada como um todo com as composições a desdobrar-se em outras. Como se percebe, cada quadro sugere a construção de outros para o visitante atento que se delicia jogando visualmente o jogo ótico da própria pintura. É

quase um brinquedo, e portanto lidera a criação de Sacilotto.

O tempo que o espectador leva nessa empatia com os quadros não é medido. Ele se distrai, deslocando-se para um espaço ilimitado — já que o jogo ótico transcende o lugar em que ele se encontra e o tempo consumido. Nessa prazerosa elevação intelectual — porque ele, o espectador, está se ligando à invenção criativa.

E aí está pelo menos encaminhada a resposta possível à pergunta sobre se uma obra é ou não uma obra de arte. Pois quadros ou paisagens podem ser obras de arte desde que sejam invenções artísticas.